
EDITORIAL

Caros leitores, com este número nós iniciamos a nova década com a esperança de que se faça cada vez mais presente uma nova postura em relação à preservação de nossas muitas e preciosas espécies. Não é preciso mencionar a atenção que a Amazônia tem recebido de todo o mundo, como parece natural que nossas espécies de orquídeas tenham se tornado parte desse grande movimento de preservação. O número de janeiro do Bulletin da AOS traz muitos artigos interessantes relacionados à preservação do meio ambiente e, num deles, um trecho me chamou, particularmente, a atenção: "Possamos ter o prazer e a maravilha da convivência com as orquídeas, sejam elas pequenas microscópicas ou grandes e extravagantes. Significa apenas que devemos nos inteirar da necessidade da preservação do habitat e da propagação artificial."

Isto exprime, fielmente, o que talvez seja a postura perfeita em relação à preservação das espécies e define o caminho que muitos orquidários comerciais adotaram com vista ao futuro. Muitos deles já possuem laboratórios que produzem a maioria das espécies por sementes ou meristemas. As vantagens são óbvias, sendo que as plantas cultivadas, desde o início num ambiente controlado, tendem a se desenvolver mais rápido e seguramente são mais saudáveis.

Com cuidadosa seleção de matrizes, a progênie resultante é quase sempre de boa qualidade. Quantas vezes não nos surpreendemos com uma planta particularmente bonita que foi desenvolvida por semeadura e não coletada do mato? Vejo um bom exemplo das vantagens da cultura assimbiótica em duas de nossas espécies mais procuradas: *L. lobata* e *L. jongheana*, que são bastante desejadas por causa de suas lindas flores, mas são raras, hoje, na natureza, e, por isso, foram colocadas na lista de espécies ameaçadas de extinção. Não é fantástico que

possamos comprar 'seedlings' criados em laboratórios dessas duas espécies, contribuindo assim para preservação delas e, mais do que isto, para sua penrização?

Claro que sempre nos fascinará o encanto e mistério da planta coletada no seu habitat, acrescido do desejo de que "aquela" tenha a forma excepcional, com que todos sonhamos. Sabemos, no entanto, que, na maioria dos casos, tal planta será um exemplar bem típico, se não inferior, e que, como quase sempre acontece, terminará na lata do lixo ou negligenciada, mais um caso na eterna procura da planta perfeita.

Quantas vezes, durante um passeio, nos carregamos de orquídeas movidos pelo entusiasmo do momento e, uma vez em casa, descobrimos que não temos espaço suficiente na estufa ou que não temos as condições climáticas necessárias para o cultivo delas. Uma visão crítica disso tudo é o que faz toda a diferença.

A discussão, quanto a se se deve coletar ou não, parece ser dessas que não tem fim. Posso compreender os defensores da coleta, quando se vê grandes áreas, onde orquídeas são endêmicas, sendo destruídas. Nossa reação natural é dizer que, de fato, coletar é a melhor solução. É difícil decidir o que é certo ou errado, especialmente quando vivemos num país que se tornou o alvo de um movimento que às vezes tende a ser excessivamente emocional.

O ponto importante, porém, parece-me que devemos possuir a consciência de que tenhamos, através dos nossos esforços, contribuído de alguma maneira para a preservação de nossas espécies e de que o futuro as encontrará.

Roberto Agnes
Editor